

A CRIATIVIDADE REVELADA: CENAS DE TEATRO ESPONTÂNEO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

The creativity revealed: spontaneous theater scenes with university students

VIANA, Rebeca Sales¹; VIANA, Levi Sales²; MORGADO, Elsa Gabriel³; & LEONIDO, Levi⁴

Resumo

Este artigo descreve duas cenas de Teatro Espontâneo realizadas com estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Ceará, Brasil. A ação fez parte de uma pesquisa que objetivou investigar e desenvolver a criatividade de estudantes universitários. O método utilizado foi o relato de experiência, com abordagem qualitativa. Participaram da ação 30 indivíduos, divididos em dois grupos. O principal resultado foi que nas cenas foram sintetizados metaforicamente todos os temas que surgiram no momento como acreditar em si mesmo, vencer o medo, superar obstáculos, poder escolher e encontrar soluções. Ao final, concluiu-se que: a atividade proporcionou interação entre alunos de diversos cursos; foram representadas cenas criativas, atingindo o objetivo do exercício; o Teatro Espontâneo apresentou-se como espaço significativo para o desenvolvimento da sensibilidade e criatividade dos acadêmicos.

Abstract

This article describes two scenes of Spontaneous Theatre carried out with students from the University Vale do Acaraú, Ceará State, Brazil. The action was part of a research that aimed to investigate and develop the creativity of the college students. The method used was the experience report, with a qualitative approach. Thirty individuals was involved in the action and was divided into two groups. The main result was that in those scenes all the themes were metaphorically summarized such as believe in yourself, conquer fear, overcome obstacles, to choose and find solutions. In the end, it was concluded that: the activity provided interaction between students from various courses; Creative scenes were represented, reaching the goal of the exercise; the Spontaneous Theatre performed as significant space for the development of sensitivity and creativity of academics.

Palavras-chave: Estudantes Universitários; Criatividade; Teatro Espontâneo.

Keywords: College Students; Creativity; Spontaneous Theatre.

Data de submissão: Setembro de 2016 | **Data de publicação:** Março de 2017.

¹ REBECA SALES VIANA - Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Brasil. E-mail rebecasalesviana@gmail.com.

² LEVI SALES VIANA - Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Saboia (EFSFVS). BRASIL. E-mail: levisvsoares@hotmail.com.

³ ELSA MORGADO – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (Universidade Católica Portuguesa); Centro de Estudos em Letras – UTAD e Universidade de Évora. E-mail: levielsa@utad.pt.

⁴ LEVI LEONIDO – Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes (Universidade Católica Portuguesa); Centro de Estudos em Letras – UTAD e Universidade de Évora. E-mail: levileon@utad.pt

INTRODUÇÃO

A capacidade criadora é uma das mais fascinantes características do ser humano. Na atualidade, o acelerado desenvolvimento e a aplicação de novas tecnologias amplia a necessidade um fluxo contínuo de ideias originais e a soluções para novos problemas. Nesse contexto “ser criativo” é algo desejável, reconhecidamente essencial à sociedade, inclusive à saúde das pessoas. Paradoxalmente, percebe-se que a criatividade ainda é timidamente explorada e muitas vezes reprimida, quer seja no ambiente da educação ou mundo do trabalho.

Contudo, o que é criatividade? Mas como desenvolver a criatividade? É possível fazer isso no âmbito da universidade?

Algumas respostas a essas questões surgiram durante a pesquisa de doutoramento “O ser criativo no ensino superior: uma abordagem artística na educação,” da universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), que objetivou desenvolver o potencial criativo de estudantes de uma universidade pública brasileira. Esta pesquisa utilizou Oficinas nas quais propôs a experimentação de expressões artísticas pelos participantes.

Este artigo descreve duas cenas de Teatro Espontâneo representadas por estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, Ceará, Brasil. O seu objetivo é apresentar uma criação original como fruto de um construto coletivo a partir do estímulo da espontaneidade e criatividade. Nesse percurso, adentra-se pela porta aberta em um jardim de variados contornos e cores, onde cada cena acrescenta detalhes que revelam um pouco do universo criativo dos estudantes.

1. A CRIATIVIDADE: UMA PORTA ABERTA PARA O JARDIM

A percepção que a criatividade é um dom, reservado a pessoas especiais e artistas vem sendo suplantada a partir da segunda metade do século XX, por outra mais holística.

Ostrower (2009) afirma que a criatividade é um potencial inerente ao homem, e a realização deste potencial uma de suas necessidades. Esta autora destaca que “A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida” (OSTROWER, 2009, p. 23).

Em seu processo de evolução, o conceito de criatividade, como afirma Davi, Nakato, Moraes e Primi (2011), afastou-se progressivamente da ênfase dada à estética e a descoberta, para envolver também os conceitos de ética, relevância, eficácia, competitividade e inovação.

Ainda no campo das definições e indefinições da criatividade, Bahia (2007) apresenta alguns conceitos importantes:

“A criatividade é uma capacidade humana que permite a percepção de um problema e a geração de novas ideias (Torrance, 1975) ou a capacidade para raciocinar de forma independente, original e/ou eficaz (Sternberg, 1988) com um problema ou de criar algo novo (Guilford, 1950). Na acepção de Vygotsky (1978) é uma qualidade inerente à essência humana na medida em que cada pessoa se torna um inventor flexível do seu futuro pessoal e contribui potencialmente para o futuro da sua cultura através do desenvolvimento da criatividade” (BAHIA, 2007, p. 52).

Assim, em síntese, algumas premissas podem ser apontadas: a criatividade compreende múltiplas e complexas dimensões; é inerente ao ser humano; está ligada a um fazer, formar, elaborar, constituir algo novo; envolve habilidades que atuam na resolução de problemas e respostas adequadas; está condicionada ao contexto histórico e cultural das pessoas; e pode ser desenvolvida.

A criatividade é como um castelo com inúmeras portas, que dão para recantos inusitados. Na pesquisa com estudantes universitários uma dessas portas foi aberta pelo Teatro Espontâneo. O Teatro tem sido utilizado como instrumento de variadas possibilidades de aplicação na educação, por seu potencial de estímulo à participação, a autonomia, a imaginação, a transformação e a contextualização de saberes.

Além disso, o Teatro e outras formas de arte e animação podem ser estratégias para desenvolver competências e criatividade.

“Por serem instrumentos que proporcionam aos que se dispõem a utilizá-los, vivências que os ajudam a caminhar para uma sociedade mais activa, tolerante, criativa e participativa, tanto a animação educativa quanto o teatro ajudam a formar e tornar mais independentes e seguros os que com eles se implicam (...). O facto de estes instrumentos combinarem os ingredientes necessários ao desenvolvimento da imaginação, leva os que as praticam a sentir-se motivados para aperfeiçoarem o espírito de inovação, audácia e risco, a desenvolverem a criatividade” (CUNHA, 2004, pp. 31-32).

Entre diversas formas de dramatização, o Teatro Espontâneo, criado pelo psiquiatra Jacob Levy Moreno, na segunda década do século XX destaca-se por ser centrado na criatividade e a espontaneidade.

Segundo Moreno o homem é dotado de espontaneidade, criatividade e sensibilidade desde sua origem, sendo estes recursos inatos. No entanto, essas condições que favorecem a vida e a criação, podem ser perturbadas por ambientes ou sistemas sociais constrangedores. Há possibilidade de recuperação dos fatores vitais, através da renovação das relações afetivas e da ação transformadora sobre o meio (GONÇALVES, WOLFF, & ALMEIDA 1988).

O Teatro da Espontaneidade altera por completo os eventos teatrais ao concretizar quatro mudanças: A eliminação do dramaturgo e do texto teatral escrito; a participação da audiência onde cada um é um ator; a improvisação da peça, da ação, do motivo, das palavras, do encontro e da resolução de conflitos; o desaparecimento do palco antigo para em seu lugar surgir o palco-espaco, o espaco aberto, o espaco da vida (MORENO, 1984).

Outras características do Teatro Espontâneo são: a construção coletiva, onde todos os participantes tem a possibilidade de entrar em cena e mudar o rumo da história; o caráter protagônico da cena, que contem dúvidas e ansiedades sentidas por várias pessoas do grupo; a troca de experiências e conhecimentos, através da explicitação de crenças e valores que podem ser debatidos nos momentos seguintes ao teatro (FAVA, 2009).

Em síntese, portanto, o Teatro Espontâneo explora a criatividade através de uma ação dramática espontânea, onde o participante é autor e protagonista, cria e representa a cena no momento, interagindo com o grupo.

2. METODOLOGIA

Para atender o objetivo aqui proposto, optou-se pelo Relato de Experiência. Ressalta-se que a ação “Teatro Espontâneo”, é um recorte de uma pesquisa-ação em Ciências da Educação e foi desenvolvido como parte integrante das “Oficinas de viver: desenvolvimento do Potencial Criativo”.

A abordagem utilizada foi qualitativa, termo que designa um conjunto amplo de formas de gerar conhecimento que privilegia a dimensão subjetiva, singular, sócio-histórica da experiência humana (MONTEIRO, MERENGUÉ, & BRITO, 2006).

O Teatro Espontâneo baseou-se nos pressupostos teóricos de J. L. Moreno e suas sessões seguiram três etapas: Aquecimento, Dramatização e Compartilhar.

O Aquecimento prepara o indivíduo para ação dramática e leva a construção do papel a ser desempenhado; a Dramatização é a ação propriamente dita, onde os participantes atuam e desenvolvem o papel; O Compartilhar ou Comentário é a etapa final, onde fora do contexto dramático, os participantes comentam no contexto grupal o que observaram e sentiram (MONTEIRO, 1994).

A atividade teatral aconteceu nos meses de julho e outubro de 2015. Os sujeitos envolvidos foram 30 estudantes da UVA, a saber, 12 participantes na Oficina 1; e 18 participantes na Oficina 2.

A UVA localiza-se na cidade de Sobral, ao noroeste do estado do Ceará, uma região semiárida no nordeste do Brasil. Trata-se de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública que possui 10.124 estudantes, distribuídos em 4 *campi*, 6 Centros e 25 cursos de graduação.

O critério de inclusão dos estudantes na amostra foi aceitar participar mediante a resposta positiva a convite aberto, divulgado na universidade e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que informou os princípios éticos observados na intervenção. As duas sessões de Teatro Espontâneo tiveram 2 horas e meia de duração e obedeceram as mesmas instruções. A atividade foi realizada em espaço adequado, que permitiu a sessão ocorrer sem interrupções, garantindo o clima necessário à liberdade de expressão dos participantes. Para trabalhar os jogos dramáticos utilizou-se música, colchonetes e tecidos de cores e texturas diversas. As duas cenas descritas neste artigo foram escolhidas por sua representatividade em relação ao contexto grupal, bem como pela originalidade e riqueza de expressão.

3. RESULTADOS: A CRIATIVIDADE REVELADA

A adesão à atividade foi espontânea e por isso incluiu estudantes de diferentes cursos e áreas do conhecimento. Os trinta indivíduos que participaram das sessões de Teatro tinham idades entre 18 e 27 anos, cursavam do segundo ao décimo período da graduação e eram oriundos dos seguintes cursos: Biologia, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Geografia, Química, Letras, Pedagogia, Zootecnia.

Na etapa de Aquecimento foram realizados jogos de pesquisa de espaço e ritmo, jogos de grupalização e jogos de imaginação. Os dois grupos de estudantes mantiveram a motivação durante os exercícios, o que foi essencial para o clima e interação obtidos durante a Dramatização.

Como resultado dos jogos de Aquecimento, os estudantes criaram personagens, interagiram entre si livremente e dramatizaram 11 cenas, sendo, seis na primeira Oficina e cinco na segunda Oficina.

As cenas mais relevantes foram descritas nos Quadros 1 e 2. Elas foram criadas e encenadas no momento da sessão de Teatro Espontâneo por um estudante de biologia e uma estudante de enfermagem (cena 1) e por um estudante de Engenharia Civil e uma Estudante de Direito (cena 2).

QUADRO 1: Cena 1 de Teatro Espontâneo com estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú, associada à pesquisa “O ser criativo no ensino superior”, Sobral, Ceará Brasil, 2015.

CENA 1- A descoberta

Entra em cena um ser misterioso envolto em uma capa preta; fica em um canto do palco, ajoelhado, completamente coberto pela capa. Chega uma velha sábia Indiana e pergunta:

Velha- Filho, quem é você?

Ser- (levantando-se, descobrindo a cabeça) Essa é exatamente a pergunta! Quem sou eu?

Velha - Eu acho que você é muito escuro, muito sombrio, não dá pra saber como você é. Como posso imaginar? Você pode me dar uma pista?

Ser - Na verdade eu não sou escuro, você que me faz assim (Tira a capa das costas). Eu estou em qualquer lugar, eu venho de qualquer lugar, mas posso está em qualquer lugar que você esteja. Às vezes estou escondido; às vezes você me esconde. Na maioria das vezes eu estou liberto, basta você querer. (Coloca a capa nos ombros, como uma vestimenta. Depois volta a cobrir a cabeça)

Velha - Eu acho que sei de onde você veio...

Ser- Você acabou de me usar, para achar quem eu sou (despindo a capa e jogando-a no chão). Eu sou a criatividade!

QUADRO 2: Cena 2 de Teatro Espontâneo com estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú, associada à pesquisa “O ser criativo no ensino superior”, Sobral, Ceará Brasil, 2015.

CENA 2- Luz para sonhar

O homem cego entra Tateando (Ele tem uma venda nos olhos). Senta-se no chão no centro do palco.

Chega a Caçadora de Sonhos.

Cego – Quem é você?

Caçadora - Eu sou uma caçadora de sonhos.

Cego- Meu sonho é enxergar novamente.

Caçadora - Posso cantar uma música para você ouvir e imaginar.

Cego - Eu tenho medo...

Caçadora - Como você imagina ser uma flor?

Cego – Flores estão em árvores e são bem pequenas

Caçadora- Fale mais um pouco dos seus medos.

Cego- Tenho medo da solidão, do que eu não vejo, das pessoas...

Caçadora - Eu caço sonhos e procuro realizá-los. Você disse que tem medo da solidão e de todas as pessoas. Toque em meu rosto, você precisa arriscar e experimentar a liberdade. (Os dois estão ajoelhados de frente um para o outro no centro do palco). A caçadora de sonhos tira a venda dos olhos do cego ele passa a enxergar (Os dois terminam a cena em pé de frente para plateia).

A primeira cena envolveu dois personagens: um ser misterioso e uma velha indiana. O enredo mostrou a velha tentando descobrir a identidade do “ser misterioso”, que ao final se revela de forma surpreendente: “Eu sou a criatividade”.

A segunda Cena também foi representada por dois personagens: um homem cego e uma “caçadora de sonhos”. Esse enredo mostrou a tristeza do homem por não enxergar e como a caçadora o ajudou a recuperar a visão.

O Teatro da Espontaneidade, segundo Moreno (1984) “tem a tarefa de servir ao momento (...) Seu repertório poderá conter produções poéticas bem como problemas sociais (...) Livre dos clichês de forma e conteúdo, pode organizar seu repertório de acordo com a audiência”.

As cenas apresentadas mobilizaram e foram representativas dos respectivos grupos, trouxeram a luz ao que devia emergir no momento e constaram de uma síntese das temáticas abordadas em todas as outras cenas: acreditar em si mesmo, vencer o medo, superar obstáculos, poder escolher, encontrar soluções.

As representações surpreenderam pela beleza cênica, simbologia, diálogo e sintonia com o imaginário do grupo.

Observou-se nas duas cenas a presença de uma metáfora: ao retirar-se aquilo que impede a visão (a capa, a venda) descortinam-se novos horizontes. O que está oculto se mostra, o que não é compreensível se entende, o que não se imagina ganha forma.

Na terceira etapa, o Compartilhar, os estudantes comentaram livremente o que sentiram e como perceberam a atividade. A seguir mostram-se algumas falas:

“Vi a importância da expressão corporal e o poder da imaginação.”

“Gostei da atividade, dos jogos, de fazer coisas diferentes, pois sou um pouco tímido.”

“Gostei dos movimentos, pois não me permito fazer coisas diferentes (...) Eu quero parar de sofrer com a opinião dos outros, não quero mais me barrar por medo.”

“Achei que não ia conseguir sair do lugar, mas depois fui me concentrando e vi Deus, ele sorria para mim, eu pensei ‘ Se for para ser vai ser’ (...) Teatro é um dom, é tudo muito detalhista e lindo. A maneira de me expressar foi maravilhosa.”

“Fiz um cego que me retrata, ele não vê e eu não vejo as coisas óbvias. Sempre me dou para a pessoa, mas nunca é recíproco, quebro a cara.”

“Desde o primeiro momento me senti a vontade. Na imaginação da floresta eu vi um caçador, o sábio me disse que deve-se caçar sonhos. É muito difícil você chegar no outro e saber ajudar. Ninguém sabe até onde ir, é complicado, não sei até onde posso ir por medo de machucar outra pessoa. Saber olhar pro outro, isso é o que falta nas pessoas.”

Nas falas dos estudantes percebe-se a essência plural do exercício teatral, com seu potencial para despertar sentidos e resignificar experiências.

O Teatro Espontâneo é o lugar da imaginação, da ousadia, da criação, da flexibilidade e da espontaneidade. Ele pressupõe mudanças nas relações, pois caminha no sentido da coparticipação, corresponsabilidade, menor idealização, maior autonomia e liberdade (FAVA, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do percurso, pode-se afirmar que: a atividade proporcionou uma fecunda interação entre alunos de diversos cursos; foram representadas cenas muito criativas, atingindo o objetivo do exercício; o Teatro Espontâneo apresentou-se como espaço significativo para o desenvolvimento da sensibilidade e criatividade dos acadêmicos, podendo ser utilizado em outras ocasiões.

A criatividade se revelou na simplicidade e beleza das duas cenas apresentadas. Concluiu-se que ações dessa natureza podem se constituir uma experiência única, estimulante e enriquecedora para estudantes universitários, que raramente tem oportunidade de expressar-se plenamente com liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, S. (2008). Criatividade e universidade entrecruzam-se? *Sísifo. Revista de ciências da educação*, 7, 51-62.
- CUNHA, M. J. S (2004). Animação educativa e teatro: estratégia para desenvolver competência. In C. CARDOSO, L. LEONIDO, & M. LOPES (Org.). *Teatro na educação* (pp. 27-33). Gráfica do Norte: Amarante.
- DAVI, A. P. M., NAKANO, T. C., MORAES, M. F., & PRIMI, R. (2011). Competências criativas no ensino superior. In S. M. WECHSLER, & T. C. NAKANO (Org.), *Criatividade no ensino superior: uma perspectiva internacional* (pp. 14-53). São Paulo: Vetor.
- FAVA, C. A. (2009). O teatro espontâneo no trabalho com grupos de formação profissional. In M. AGUIAR (Org.), *Psicodrama e emancipação: a escola de Tietê*. São Paulo: Ágora.
- GONÇALVES, C., WOLFF, J. R., & ALMEIDA, W. C. (1988). *Lições de Psicodrama: Introdução ao Pensamento de J.L. Moreno*. São Paulo: Ágora.
- MONTEIRO, A. M., MERENGUÉ, D., & BRITO, V. (2006). *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- MONTEIRO, R. F. (1994). *Jogos dramáticos*. (7.^a ed). São Paulo: Ágora.
- MORENO, J. L. (1984). *O teatro da espontaneidade*. São Paulo: Summus.
- OSTROWER, F. (2009). *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes.